

HIROSHIMA E NAGASAKI



Hiroshima e Nagasaki

Em 1939, Einstein informou ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, que talvez fosse possível construir uma bomba atômica. Mas, as tragédias de Hiroshima e Nagasaki, apesar de terem assinalado o fim da guerra, marcaram para sempre o coração do cientista, um conhecido pacifista. Assim começou uma nova era.

1945. Nesse ano, Dizzie Gillespie criava o Bepop. Também em 1945 foram inventados o suco de laranja congelado e a caneta esferográfica. No mesmo ano, um homem genial inventava uma bomba capaz de destruir toda a vida no planeta.

No início da década de 40, um grupo de cientistas foi ao Novo México para tentar detonar uma bomba atômica, antes de que os alemães construíssem a sua. Hitler ameaçava toda a Europa. Muitos cientistas, tentando escapar do nazismo e do fascismo, encontraram abrigo nos Estados Unidos, onde continuaram suas pesquisas. Enrico Fermi era um deles. Em 1942, foi o primeiro físico a produzir uma reação atômica em cadeia, sob controle, comprovando assim a teoria de Einstein. O experimento secreto aconteceu em Chicago.

Na Alemanha, uma experiência semelhante havia fracassado. Em silêncio, os americanos continuaram as pesquisas em Los Alamos, Novo México.

A pergunta que os cientistas precisavam responder era a seguinte: uma reação em cadeia, não controlada, poderia ser usada para fazer uma bomba?? Eram muitas as incógnitas. Não se sabia como determinar o impacto de uma explosão desta natureza. Havia quem temesse que a bomba faria explodir todo o planeta, transformando-o numa estrela. Ao mesmo tempo, os

HIROSHIMA E NAGASAKI



americanos anteviam a possibilidade de usar a bomba contra o Japão, forçando, assim, o fim da guerra.

Em julho de 1945, dois aparelhos foram levados, secretamente, até o deserto do Novo México. Os americanos estavam ansiosos para testar a nova invenção. Sucesso! A explosão foi tão poderosa que chegou a ser vista de três Estados americanos. Pouco após os testes, em 6 de agosto de 1945, os americanos lançaram a bomba sobre Hiroshima; três dias mais tarde, uma segunda bomba foi usada, dessa vez sobre Nagasaki. A destruição provocada pelos dois ataques levou o Japão a capitular.

Havia começado a era nuclear. Pouco depois da bomba atômica ser lançada sobre o Japão, outra arma, ainda mais poderosa, foi inventada pelos cientistas: a bomba de hidrogênio. Em 1957, a bomba H explodia em Bikini. Tinha um poder de destruição cinco vezes maior do que todas as bombas convencionais detonadas durante a Segunda Guerra Mundial. Depois dela viriam a bomba inglesa, a francesa, a soviética, a chinesa. Estava sendo fundado um novo e assustador "clube dos grandes". Albert Einstein havia declarado, em 1945, que tudo havia mudado... menos o espírito humano.

Fonte: TV Cultura (www.cultura.com.br)

Os homens da bomba

Presidente Harry Truman - Coube a ele, como presidente dos Estados Unidos, a decisão sobre o lançamento das duas bombas sobre o Japão. Era um defensor da solução nuclear. Assumiu a presidência em 1945, com a morte do presidente Roosevelt.

Julius Oppenheimer - Com apenas 38 anos, este físico, considerado um dos mais brilhantes de seu tempo, comandou o Projeto Manhattan, que reuniu uma centena de cientistas.

HIROSHIMA E NAGASAKI



Coronel Paul Warfield Tibbets - Comandou a tripulação de 12 oficiais do B-29 Enola Gay, o bombardeiro de onde foi despejada a Little Boy, a primeira bomba atômica em área povoada. Era um veterano de bombardeios na Europa. O nome Enola Gay foi uma homenagem à mãe dele.

Hirohito - Imperador japonês, responsável pela entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial. Só aceitou a rendição após as duas explosões. Permaneceu no poder mesmo depois da derrota de seu país.

General Douglas MacArthur - Comandante das forças militares no Pacífico. Só foi informado da decisão do presidente Truman de lançar a bomba atômica um dia antes, quando já preparava a invasão do Japão pelos aliados.

Fonte: O Globo (www.globo.com.br)

09-08-2005 - São Paulo, SP

60 anos de Hiroshima e Nagasaki: Greenpeace luta pelo fim da ameaça nuclear

Em 9 de agosto de 1945, dias após o ataque a Hiroshima, um bombardeiro norte-americano sobrevoava o espaço aéreo japonês com destino a Kokura. Ao encontrar uma bateria antiaérea e neblina que impedia acuidade no disparo, o piloto seguiu para o alvo secundário, Nagasaki.

Às 12:01 uma bomba de plutônio com 21 kilotons era detonada 503 metros acima de Nagasaki. Dezenas de milhares de pessoas foram instantaneamente mortas, e outras dezenas de milhares viriam a morrer nos anos seguintes por causa da explosão.

Juntamente com Hiroshima, que sofreu as drásticas conseqüências de uma bomba de urânio com 15 kilotons, foram mais de 300 mil pessoas mortas e a destruição total das duas

HIROSHIMA E NAGASAKI



idades, deixando o país arrasado e chocando o mundo com o potencial mortífero desse tipo de arma.

As bombas de Hiroshima e Nagasaki só puderam ser produzidas com conhecimentos obtidos a partir do primeiro reator nuclear do mundo (Chicago). É grande a proximidade entre a utilização de energia nuclear para fins energéticos e fins militares ou bélicos. A ameaça nuclear (energética ou militar) é um perigo desnecessário e caro.

GREENPEACE FAZ HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DE HIROSHIMA

Na última sexta-feira, dia 5 de agosto, cerca de 300 velas formaram uma pomba de aproximadamente 2,8 x 2,8 metros para simbolizar o pedido de paz. As velas foram acesas às 20h15, em alusão ao horário em que foi lançada a bomba nuclear em Hiroshima. Com a atividade, o Greenpeace lembrou a total destruição das duas cidades atingidas, mostrando as conseqüências dessas bombas nucleares, cujas construções só foram possíveis com pesquisas realizadas a partir do primeiro reator para geração de energia em 1942.

Um banner com as frases "HIROSHIMA NUNCA MAIS" e "ANGRA 3 NÃO" foi aberto para lembrar a população que o domínio da tecnologia atômica para fins energéticos torna muito mais próxima a possibilidade de construção de bombas nucleares como as de Hiroshima e Nagasaki. "Little Boy", a bomba lançada em Hiroshima, foi produzida a partir de urânio, e "Fat Man", lançada sobre Nagasaki, continha plutônio. As usinas nucleares Angra 1 e 2 utilizam como combustível o urânio e produzem como resíduo plutônio – substâncias que em pequena quantidade são suficientes para a construção de armas nucleares, seja pelo próprio Estado, seja por terroristas. "Apesar de todo o perigo que as usinas nucleares por si só representam, o governo federal ainda tenta levar adiante o programa nuclear

HIROSHIMA E NAGASAKI



brasileiro e planeja concluir a construção de Angra 3”, afirmou Guilherme Leonardi, da campanha antinuclear do Greenpeace Brasil.

O Greenpeace acredita que o estabelecimento da paz só será possível com o fim da ameaça nuclear, já que ela aumenta a insegurança mundial. Sua utilização, ainda que para fins energéticos, permite o desenvolvimento de armas atômicas com maior facilidade, como ocorreu com as próprias bombas de Hiroshima e Nagasaki. O grande potencial que o Brasil possui para fontes energéticas renováveis (como eólica e solar) torna a opção nuclear totalmente dispensável, pois, além de perigosa, ela é cara e suja.

Fonte: Greenpeace-Brasil (www.greenpeace.org.br)

Hiroshima, depois da bomba, busca no verde a esperança

“De modo que elaborei um plano destinado a “reverdecer” o campus da Universidade, transformando-o – da sua totalidade rubra e ferruginosa – num verde fresco e viçoso! Nada de vermelho, simbolizando luta e derramamento de sangue, mas verde, que é a cor do crescimento e da esperança...”

Trecho da carta de Tatsuo Morito, reitor da Universidade de Hiroshima, em 1951.

Setembro de 2003 - Procura-se uma árvore. Ou será um alameda? Quem sabe até um bosque? Estas perguntas surgem como um desafio à imaginação suscitado pela leitura de uma carta que este ano completou 52 anos, mas que surpreende pela atualidade e emociona pelos propósitos. Ela foi escrita em 25 de janeiro de 1951 e veio da cidade de Hiroshima, no Japão, devastada pelos efeitos terríveis da bomba atômica, lançada em 1945, quando o mundo pode conhecer na prática a destruição da qual a espécie humana era capaz.

HIROSHIMA E NAGASAKI



A carta era uma proposta de paz, uma prosaica tentativa de reconstrução a partir da união de esforços de pessoas de boa vontade. Passado este tempo todo, resta a curiosidade em saber o desfecho da iniciativa do reitor da universidade daquela cidade japonesa, uma das duas a sofrer a destruição provocada pela explosão nuclear. Tatsuo Morito apelava para instituições similares do mundo todo e pedia a cada um a doação de uma semente, uma muda ou o equivalente ao valor de uma árvore, para que o esforço conjunto resultasse no reinício da vida naquela triste paisagem devastada.

Hiroshima, assim como o resto do Japão, renasceu e hoje, pelo que se sabe, a Universidade de Hiroshima tem novo "campus". Da iniciativa de Tatsuo Morito, que deixou o importante cargo de ministro da Educação para trabalhar pela reconstrução da universidade, há dificuldades de se encontrar registros no Brasil. Da carta resta apenas a cópia traduzida por Brenno Silveira, conservada pelo Museu Florestal Octávio Vecchi, do Instituto Florestal, e a suposição de que seu original esteja em algum arquivo da Universidade de São Paulo.

Quem teria mais informações sobre a iniciativa do reitor da Universidade de Hiroshima no início da segunda metade do século passado? Quem sabe se as autoridades alfandegárias se sensibilizaram e as sementes ou mudas puderam vencer as rígidas restrições sanitárias para o transporte de espécies vivas, particularmente no período em que o mundo começava a conhecer os efeitos da radiação? Quem sabe se esta idéia germinou?

Este é o início de uma busca que começou com a mostra "Semeando a Paz", inaugurada em 30 de agosto e que se estende até outubro, nos salões do Museu Florestal Octávio Vecchi, no Parque Estadual Alberto Löfgren, o conhecido Horto Florestal. A exposição foi idealizada e montada com apoio

HIROSHIMA E NAGASAKI



técnico da historiadora Cleide Pinotti de Almeida e reúne fotos, documentos e objetos que tratam da paz no mundo. A carta de Tatsuo Morito é apenas um desses documentos, mas que se destaca pela idéia genial de que por meio de uma árvore, de uma simples muda de árvore, o mundo poderia partilhar do renascimento de um povo.

Guenji Yamazoe, é um dos que se interessou pela história e foi atrás do destino das sementes. Pesquisador científico do Instituto Florestal há cerca de 30 anos, aproveitou uma viagem ao Japão, em 1992, a convite da Universidade de Kagoshi, para fazer contato com a Universidade de Hiroshima e agendar uma visita, com o objetivo de pesquisar o assunto, animado com a possibilidade de encontrar o bosque idealizado por Tatsuo Morito. Guenji sabia apenas que o pedido encaminhado ao reitor da USP na época, foi repassado ao Instituto Florestal que decidiu pelo envio de sementes de 20 diferentes espécies, nas quais se incluíam espécies nativas e exóticas.

O contato foi feito por intermédio da seção de cooperação internacional da Universidade de Hiroshima e Guenji se surpreendeu com a vasta documentação do projeto iniciado em 1951. Os papéis amarelados pelo tempo registravam o envio de todas as espécies, detalhando a origem de cada uma e o desenvolvimento que tiveram.

A atenção com que foi atendido e o cuidado com que a história foi registrada minimizaram a decepção com o destino das sementes enviadas pelo Instituto Florestal. O clima diferente, mais do que o solo arrasado pelos efeitos da radiação, segundo Guenji, impediram que as sementes brasileiras germinassem.

Pelo que pode verificar no histórico mantido pela Universidade, de todas as espécies enviadas por instituições sul-americanas apenas uma, mandada por uma universidade argentina,

HIROSHIMA E NAGASAKI



sobreviveu. O bosque, no entanto, foi formado, reunindo árvores dos mais diferentes países que atenderam ao apelo de Tatsuo Morito. Guenji passeou entre suas alamedas e pode ver que todas as árvores traziam placas identificando as espécies, sua origem e o nome da instituição que fez a doação.

O antigo reitor certamente pode acompanhar o verde substituindo a paisagem ferruginosa que encontrou em Hiroshima e até a sua morte, há cerca de um ano, deve ter desfrutado da paz que procurou construir a partir do cultivo de pequenas sementes.

Fonte: SEMA-SP (www.ambiente.sps.gov.br) – Eli Serenza

“HIBAKUSHA: HERDEIROS ATÔMICOS NO BRASIL” – MAURÍCIO KINOSHITA – Nº 97

Tema

Sobreviventes das Bombas Atômicas de Hiroshima e Nagasaki que vivem no Brasil.

Hipótese

Hibakusha é o termo em japonês utilizado para designar as vítimas de bombas atômicas. A própria definição da palavra carrega um forte preconceito social, uma vez que remete aos indivíduos cujos genes foram marcados pela radioatividade e que, por sua vez, podem ou não ser transmitidos hereditariamente. Comparados a doentes infecto-contagiosos, muitos desses sobreviventes passaram a omitir suas condições de hibakusha por temer a marginalização. Entretanto, o que simbolizaria o heroísmo do homem diante das adversidades, tornou-se ironicamente um doloroso estigma a ser carregado. A vergonha de suas próprias existências e a culpa pela morte dos outros milhares de indivíduos ainda estão presentes em seus pensamentos. Calar-se e esquecer o passado sempre pareceu ser a solução menos dolorosa para uma alma hibakusha.

HIROSHIMA E NAGASAKI



Acredita-se que no decorrer desses últimos sessenta anos houve uma minimização da catástrofe e uma espetacularização das imagens de Hiroshima e de Nagasaki, como por exemplo o belo cogumelo de poeira. A história, dessa forma, passou a omitir o fato de que debaixo daquela linda imagem aérea havia homens, mulheres e crianças que viram apenas a escuridão, a chuva negra, os ferimentos, a morte e a radioatividade. Vê-se apenas o superficial. No entanto, **“Hibakusha: Herdeiros Atômicos no Brasil”** retratará o outro ponto-de-vista, a “posição de baixo” que muitas vezes fora negligenciada pelos livros, jornais, revistas, e pelos próprios sobreviventes.

Atualmente, há no Brasil (a sua grande maioria no Estado de São Paulo) cerca de 135 (cento e trinta e cinco) sobreviventes que lutam por seus direitos, como o auxílio financeiro do governo japonês. Eles necessitam, no entanto, comprovar que viveram em Hiroshima ou Nagasaki naquele período: um árduo trabalho à esses senhores cujas evidências do passado foram queimadas e destruídas pela arrogância humana.

Apesar de se utilizar constantemente o slogan “No More Hiroshima” em nome da luta contra a proliferação de armas nucleares no mundo e pela manutenção da paz, muito ainda há de ser dito e ouvido. O que os reais personagens e testemunhas de Hiroshima e Nagasaki têm a dizer? O que pensam hoje sobre aqueles nove segundos que dizimaram seus familiares e amigos? Quais foram as conseqüências em suas vidas? Por que vieram ao Brasil e como vivem atualmente? Como vivem seus filhos e netos? São essas e outras questões que o filme irá levantar e responder, a fim de manter para a posteridade, a memória dessas vidas repletas de dor, sabedoria e esperança: as verdadeiras heranças atômicas.

O filme é também um diálogo com “Hiroshima, Mon Amour”, de Alain Resnais .

Personagens e Objetos

Sr. Takashi Morita (81 anos)

HIROSHIMA E NAGASAKI



É o fundador da "Associação das Vitimas de Bomba Atômica no Brasil" cujo principal objetivo é defender e lutar pelos direitos dos sobreviventes. Ex-policiaI militar, sobreviveu ao ataque em Hiroshima e tornou-se relojoeiro antes de se mudar ao Brasil. Casou-se com Ayako Morita, também hibakusha com quem teve dois filhos e alguns netos. Tem uma loja de artigos japoneses no bairro paulistano da Saúde.

Sra. Ayako Morita (80anos)

Ex-inspetora de alimentos jogados pelas tropas americanas ao civis japonesas (em sua grande maioria envenenados, conforme seu relato), Dona Ayako sofre hoje de Alzheimer, como decorrência dos problemas neurológicos causados pela radioatividade. Muito debilitada, ela demanda uma constante atenção de seu marido Takashi. Ela é sobrevivente de Hiroshima.

Sr. Manabu Ashihara (76 anos)

Sr. Ashihara foi treinado para ser um kamikaze. Estava de folga em Nagasaki para passar os últimos dias de sua vida com a família, antes que "morresse pela pátria" como um kamikaze. Teve de incinerar os corpos dos mortos de Nagasaki e hoje "quando tem churrasco em casa, não como", diz ele. Sr. Ashihara vive na cidade paulista de Embu das Artes com sua mulher e oito filhos, onde cultiva plantas ornamentais.

Outros Hibakusha

Sobreviventes que preferem não falar diante da câmera, apenas mostrar seu cotidiano, como o Sr. Teruo Hosokawa, um maratonista do bairro da Liberdade e Sr. Mukai, muito doente e com problemas respiratórios.

Release do Governo Norte-Americano (1945)

Release divulgado pela Casa Branca e assinado pelo então presidente norte-americano Harry S. Truman, dezesseis horas

HIROSHIMA E NAGASAKI



após o lançamento da Bomba Atômica em Hiroshima. No documento, há uma apresentação da bomba, as razões de sua criação, a previsão de desenvolvimento de "outras armas ainda mais potentes" e a justificativa de sua utilização: manter a paz mundial.

Filme "Hiroshima, 1975" (Japão, 1975) / P&B, 16mm

Produzido pela Nippon Eiga-Shinsha, o documentário faz um paralelo entre a população de Hiroshima dos anos 70 e a geração que morreu e sofreu com a Bomba em 1945. Há imagens da destruição na cidade logo após a queda da bomba "Little Boy", dos sobreviventes recebendo tratamento médico, de pessoas deformadas e deficientes, etc.

Filme "O Príncipe Nipônico na Terra dos Bandeirantes" (Brasil, 1958) / P&B, 16mm

Dirigido pelo nipo-brasileiro Kenji Saway, esse cine-jornal é um documento histórico da visita do Príncipe Akihito ao Brasil, durante a comemoração dos 50 anos da Imigração Japonesa. No filme, há históricas imagens como o Palácio dos Campos Elíseos, do então governador Jânio Quadros e da celebração da comunidade japonesa com a chegada dos ilustres visitantes no Bairro da Liberdade.

Desenhos feitos pelos hibakusha

Desenhos feitos a lápis de cor e giz de cera por alguns sobreviventes, retratando situações como o fogo em toda a cidade, a pele dos braços queimada, os corpos no Rio Ota, as pessoas mortas nas caixas d'água, etc. Uma iniciativa muito difundida no Japão, devido a carência de provas imagéticas da catástrofe como foto, filmes, etc.

Estratégias de Abordagem

Sr. Takashi Morita

Ele é o porta-voz dos sobreviventes no Brasil. Ele foi o primeiro hibakusha a lutar por seus direitos perante o governo japonês e

HIROSHIMA E NAGASAKI



a divulgar o seu trabalho na sociedade brasileira. Através da Associação, Morita passou a ajudar os casos de pessoas que não conseguiam comprovar suas existências antes da Bomba, utilizando-se de uma rede de contatos no Japão e nos Estados Unidos. Nesse processo, os hibakusha desses países trocam informações entre si a fim de encontrar conhecidos e testemunhas que reconheçam as outras vítimas.

Logo, ele é a voz em off que ilustrará a vida de um hibakusha no Brasil. Ele é o narrador que depõe sobre sua história, desde o momento da explosão em Hiroshima, a perda dos amigos e parentes, passando por sua decisão de emigrar ao Brasil e a difícil adaptação em terras tropicais. Será oferecida a ele uma sugestão de texto (ver anexo) a ser alterado de acordo com a sua visão e sentimento dos fatos, a fim de conduzir a narrativa do filme.

Sob a locução, serão utilizadas imagens do Sr. Morita, da Sra. Ayako e de outros sobreviventes que, por sua vez, serão retratados também através de fotografias still P&B. Takashi Morita estará sempre em movimento acompanhado de sua mulher, caminhado sempre para frente, numa alusão à sua vida de progresso, coragem e superação.

Sra. Ayako Morita

Ela será retratada apenas através de imagens. Devido à sua fragilidade física, não há depoimentos seus no filme. A Sra. Ayako estará sempre ao lado do marido, seu eterno companheiro, e em meio aos filhos e netos. Seu olhar silencioso transmite serenidade e alegria, apesar da dor física que sente. Sr. Takashi falará por ela, contará como era o seu trabalho de inspetora de alimentos, como passaram a viver juntos, a sua vida hoje com o Mal de Alzheimer, etc. Não há como dissociá-la de Morita e vice-versa.

HIROSHIMA E NAGASAKI



Dona Ayako é, na realidade, o elemento transformador da vida de Takashi Morita, uma vez que este passou a dedicar-se integralmente a ela devido à sua doença, deixando para trás a cultura machista tipicamente japonesa. Foi através da compaixão pelos outros que o casal criou seus dois filhos e netos.

Sr. Manabu Ashihara

O único entrevistado do filme será o Sr. Ashihara. Ele contará como as crianças japonesas eram educadas a morrer pela pátria e pelo imperador, como era a formação dos kamikaze e dos kaiten (suicidas que lançavam-se contra os barcos inimigos dentro de torpedos submarinos, uma versão menos honrosa dos kamikaze), a desilusão com o governo japonês, etc.

Esse representante de Nagasaki, ironicamente, foi salvo pela própria Bomba Atômica pois ela evitou que ele fosse enviado à sua missão suicida que estava marcada para o dia 15 de Agosto, seis dias após a Bomba de Nagasaki. Sua missão nos dias seguintes a explosão foi recolher os corpos já putrefados que estavam no Rio Urakami.

Como contraponto dessa vida voltada à guerra, está a sua ocupação de criador de plantas ornamentais e a sua intenção de passar essa profissão a seus filhos e netos. A entrevista será feita em sua casa, onde serão captadas imagens de seu cotidiano.

Outros Hibakusha

As imagens desses hibakusha ilustrarão o depoimento do Sr. Morita, seja através de imagens em movimento, seja através de fotografias P&B tiradas por um fotógrafo profissional e animadas po table top, ou até uma animação com as fotografias tiradas em sequencia. Dessa forma, mantém-se uma relação de respeito com todos os entrevistados e pesquisados, e possibilita-se apresentação do maior número de sobreviventes, Release do Governo Norte-Americano (1945)

HIROSHIMA E NAGASAKI



É um documento histórico de uma nação que acredita(va) na Bomba Atômica enquanto mantenedora da paz mundial. Esse texto será utilizado como contra-ponto do filme.

Alguns trechos do release serão lidos em inglês em voz off e escritos à mão de cor branca, sobre a tela preta, como uma reconstituição da escrita do Presidente Truman. Algumas palavras e expressões importantes como "mais poder que 20 mil toneladas de explosivos", "eles (os japoneses) pagaram muito caro. E o final não chegou ainda", ou "uma poderosa e forte influência sobre a manutenção da paz mundial", terão um maior destaque.

Tudo isso antes do título e créditos iniciais. O objetivo é deixar registrado o pensamento do governo norte-americano sobre a utilização das armas de destruição em massa.

Filme "Hiroshima, 1975" (Japão, 1975) / P&B, 16mm

Este filme pertence ao acervo da "Associação das Vítimas de Bomba Atômica no Brasil", porém nunca foi assistido pelos sobreviventes. O objetivo é mostrá-la em primeira mão ao senhor Takashi Morita.

Ele estará sozinho assistindo ao filme que fala de sua cidade natal e mostra as atrocidades ocorridas em Hiroshima, numa sala de cinema. A intenção é captar o seu sentimento ao rever as imagens que deixou no passado. Enquanto ele estiver em quadro, com o reflexo da projeção em seus óculos, ouve-se o barulho do projetor. Porém, quando as imagens que ele está assistindo preenche a tela, tudo fica em silêncio e mudo. É a passagem da posição de um mero espectador de um objeto (Sr. Morita) para a do próprio espectador do filme, num misto de compaixão e respeito.

HIROSHIMA E NAGASAKI



Filme "O Príncipe Nipônico na Terra dos Bandeirantes" (Brasil, 1958) / P&B, 16mm

O filme entrará durante o depoimento do Sr. Manabu Ashihara, no qual falará sobre a devoção do povo japonês diante da família real, mesmo após a renúncia de divindade no final da II Guerra Mundial.

Desenhos feitos pelos hibakusha

Imagens que também ilustrarão o depoimento de Takashi Morita. Esses testemunhos iconográficos peculiares e rudimentares causam um raro estranhamento por seus traços infantis de lápis de cor e giz de cera. Será utilizado o table top para captar essas imagens.

Sugestão de Estrutura

Vê-se uma mão masculina escrevendo o texto de parte do release sobre a Bomba de Hiroshima enquanto uma voz masculina em off lê em inglês. Há um destaque para as palavras e expressões mais importantes ou comprometedoras (sublinhadas).

"Sixteen hours ago an American airplane dropped one bomb on Hiroshima and destroyed its usefulness to the enemy. That bomb had more power than 20,000 tons of TNT. It had more than two thousand times the blast power of the British "Grand Slam" which is the largest bomb ever yet used in the history of warfare.

The Japanese began the war from the air at Pearl Harbor. They have been repaid many fold. And the end is not yet. With this bomb we have now added a new and revolutionary increase in destruction to supplement the growing power of our armed forces. In their present form these bombs are now in production and even more powerful forms are in development.

It is an atomic bomb. It is a harnessing of the basic power of the universe. The force from which the sun draws its power has been loosed against those who brought war to the Far East.

HIROSHIMA E NAGASAKI



It has never been the habit of the scientists of this country or the policy of the Government to withhold from the world scientific knowledge. Normally, therefore, everything about the work with atomic energy would be made public.

But under present circumstances it is not intended to divulge the technical processes of production or all the military applications, pending further examination of possible methods of protecting us and the rest of the world from the danger of sudden destruction. I shall recommend that the Congress of the United States consider promptly the establishment of an appropriate commission to control the production and use of atomic power within the United States. I shall give further consideration and make further recommendations to the Congress as to how atomic power can become a powerful and forceful influence towards the maintenance of world peace."

Entra cartela dos patrocinadores e apoiadores.

Entra animação da palavra "Hibakusha" em kandi (escrita japonesa). Entra o título em português: "Hibakusha: Herdeiros Atômicos no Brasil".

Entram imagens do templo budista Hompa Hongwanji do Brasil (bairro da Saúde, São Paulo). A fumaça dos incensos espalhando pelo ambiente, mãos justapostas, olhos cerrados. As imagens de buda e oferendas no altar. Os envelopes com escritas (nomes) em japonês. Ouve-se som de rezas budistas. Sino.

Entra narração em off do Sr. Takashi Morita em japonês / português e seu depoimento sobre a Bomba.

Imagens a serem trabalhadas como ilustração do depoimento de Sr. Morita.

1) A IGREJA BUDISTA

Vemos imagens da preparação da típica festa de confraternização que acontece após as missas budistas, que é uma forma de cultuar os antepassados. A reunião de pais,

HIROSHIMA E NAGASAKI



amigos, tios, avós, os pratos de comida, doces, os parentes, os cumprimentos, a integração. Vemos velhos saudáveis, fortes e alegres, com seus filhos e netos. Crianças brincando no jardim e escadaria do Templo.

2 - TAKASHI MORITA E FAMÍLIA

Vemos imagens da casa de Takashi Morita. O café da manhã na casa, a saída para abrir a loja de artigos japoneses no bairro da Saúde às 07:00 d amanhã, o seu cuidado com sua mulher, os serviços que faz em casa.

3 - UM PASSADO LONGÍQUO

Sr. Takashi Morita assiste ao filme "Hiroshima, 1975" (Japão, 1975) / P&B, 16mm, numa sala de cinema vazia. Vemos o seu olhar emocionado por causa das imagens de sua terra natal, do local e do contexto que presenciou em Hiroshima.

Há uma aproximação do plano para as próprias imagens vistas pelos sobreviventes. Não há som sobre essas imagens.

4 - OUTROS HIBAKUSHA

Vemos o Sr. Teruo Hosokawa fazendo exercício pelo Bairro da Liberdade, o Sr. Mukai muito debilitado fisicamente, a Sra Hotta fazendo preparando pratos típicos japoneses.

5 - MANABU ASHIHARA

Entra Sr. Ashihara dando depoimento sobre sua educação para ser um kamikaze. Ele está sentado na sala de sua casa, ao lado dos filhos e netos. Vemos Imagens da vida do Sr. Manabu Ashihara nas plantações de flores ornamentais. Sua delizadeza com as plantas, sua paciência com os netos, sua relação com a flora e com a vida.

6 - FILME PRÍNCIPE NIPÔNICO NA TERRA DOS BANDEIRANTES

Trechos do filme para a ilustrar a comunidade japonesa, quando se comemorava os 50 anos da Imigração, e a devoção dos

HIROSHIMA E NAGASAKI



súditos à família real, mesmo tendo renunciado a sua condição de divindade.

7 – A MISSA AOS ANTEPASSADOS

Imagens do Templo Budista do Bairro da Saúde. Exterior e interior.. A emoção das pessoas, as mãos justapostas, o sofrimento silencioso e interior. Pára a voz off de Morita. Vê-se e ouve-se apenas os monges rezando.

8 – CAMINHANDO (EXT – DIA)

Sr. Morita e Sra. Ayako caminham lentamente e lado a lado, numa rua agitada de São Paulo.

MORITA (em japonês)
Eu sou um Hibakusha.

9 – FOTO PARA A ETERNIDADE (EXT – DIA)

Fade-out

Camera lenta

Na escadaria do templo Budista, os hibakusha entram em quadro, preparando-se para a foto. Os sobreviventes alegres e todos juntos reverenciam para a câmera em forma de agradecimento.

Um flash fotográfico.

Imagem estática PB de todos os sobreviventes. Entra subtítulo: "Brasil, 2006".

Fade-in

FIM

Sugestão de Texto

Eu vi a Bomba de Hiroshima.

Às 08:15 da manhã, no dia 06 de Agosto de 1945, uma força invisível me lançava a dez metros de distância de onde eu estava. Vi apenas um clarão luminoso e silencioso atravessar o meu corpo, como um flash fotográfico.

HIROSHIMA E NAGASAKI



Fiquei desacordado por alguns segundos e logo consegui ficar de pé. Senti uma ardente queimadura na nuca, porém não tinha tempo para pensar em mim, tinha de seguir atrás dos outros companheiros que por um instante haviam sumido, assim como as outras centenas de milhares de vidas perdidas nesses fatídicos nove segundos.

Em meio aquela busca incessante, percebi que aquilo ali sobre nossas cabeças era muito mais poderosa que as temidas bombas incendiarias. Tudo que vi nos segundos, minutos, horas, dias, meses seguintes me chocaram pela tamanha crueldade do ser humano. Me questionava: por que tanta crueldade? Como Deus permitiu tanta maldade? Vi o inferno...Vi gente queimada atirando-se ao rio até a morte, vi crianças semimortas gritando por suas mães, vi mães suplicando aos soldados que vingassem a morte de seus filhos. Vi a minha vida, mas vi de muito perto, a morte.

A única coisa que não vi foi aquele cogumelo de poeira. Isso foram os americanos que filmaram e viram. É um ponto de vista americano. É o mesmo ponto de vista que inúmeros filmes, livros e revistas insistem em manter.

Estranho ser este o maior ícone da Bomba Atômica, explorado incessantemente pelos meios de comunicação e livros didáticos. Era a única imagem de Hiroshima. A Bomba.

No entanto, eu só via escuridão e fogo. Eu só ouvia choros e gritos desesperados.

Ninguém imaginava que aquele ar que respirávamos continha radioatividade. Havia ali algo mais pernicioso e letal. Fora a primeira, porém não a única vez que se tinha utilizado a Bomba Atômica. A segunda foi em Nagasaki, três dias depois e ainda mais poderosa. Todos dizem "No More Hiroshima!", "No More Hiroshima!", mas eu pergunto: Por que Nagasaki? Porque utilizar uma bomba ainda mais potente? Experiência com vidas humanas?

HIROSHIMA E NAGASAKI



No entanto, continuei vivo. Deus quis assim. Deus quis que carregasse essa dor, esse estigma, esse karma. As sequelas físicas foram inúmeras e dolorosas, mas nada comparável à humilhação que sofríamos com a presença americana, que nos tratavam como cobaias. Nada mais humilhante do que deixar de ser humano e passar a ser tratado como um objeto, sem identidade, sem passado nem futuro. O nosso passado fora queimado em segundos.

Dez anos depois, o Japão entrava novamente numa Guerra contra a Coréia do Sul. Nós éramos educados a guerrear. Crescemos acreditando na invencibilidade do exército japonês, na superioridade do povo japonês e na divindade de nosso Imperador.

<entra depoimento de Manabu Ashihara sobre educação dos kamikase>

Eu não admitia a política do Japão e de seu imperador que havia renegado a sua condição de divindade com a derrota na II Guerra Mundial. Me questionava por que causar mais mortes à população que tanto os venerava.

Em 1955, resolvi imigrar ao Brasil. Todos falavam maravilhas do país com terras infinitas nas quais se podia trabalhar e criar meus filhos tranqüilamente. Viemos com a promessa de enriquecimento rápido e a nossa intenção era voltar ao Japão assim que as coisas se normalizassem.

"O Brasil é uma bênção!", diziam. E só fui descobrir isso quando percebi que aqui nunca mais tive leucemia. As vítimas das Bombas vivem muito bem no Brasil. Nossos filhos cresceram aqui. Minha mulher também sobreviveu a Hiroshima e hoje, apesar de sua luta contra o Alzheimer, tem uma vida muito mais digna que no Japão. Aqui ela não precisa lembrar de tudo que passamos. O Brasil significou uma nova vida.

Hoje a nossa maior luta é diante do governo japonês, Lutamos por um auxílio financeiro para o tratamento médico no Brasil. No entanto, essa ajuda só é garantida depois que se é

HIROSHIMA E NAGASAKI



comprovada a sua condição de sobrevivente. Mas e as pessoas que perderam sua casa, família, amigos? Como comprovar ter vivido toda aquela barbárie se a sua própria identidade fora queimada? Como conseguir conhecidos se muitos se foram com aquela onda gigante de calor que varreu Hiroshima e Nagasaki? Por outro lado, alguns sobreviventes ainda têm vergonha de não terem morrido junto aos outros. Pesa muito a idéia de não ter podido ajudar mais pessoas. Naquele dia, lembro de não ter derramado uma lágrima sequer. Não parava de tentar entender aquilo tudo. Hoje me arrependo de não ter ao menos sentado ao lado daqueles quase-mortos de que aquela crueldade era humana.

Eu sou um Hibakusha.

Release assinado por Harry S. Truman sobre a Bomba de Hiroshima

Sixteen hours ago an American airplane dropped one bomb on Hiroshima and destroyed its usefulness to the enemy. That bomb had more power than 20,000 tons of TNT. It had more than two thousand times the blast power of the British "Grand Slam" which is the largest bomb ever yet used in the history of warfare.

The Japanese began the war from the air at Pearl Harbor. They have been repaid many fold. And the end is not yet. With this bomb we have now added a new and revolutionary increase in destruction to supplement the growing power of our armed forces. In their present form these bombs are now in production and even more powerful forms are in development.

It is an atomic bomb. It is a harnessing of the basic power of the universe. The force from which the sun draws its power has been loosed against those who brought war to the Far East.

Before 1939, it was the accepted belief of scientists that it was theoretically possible to release atomic energy. But no one knew any practical method of doing it. By 1942, however, we knew that the Germans were working feverishly to find a way to add

HIROSHIMA E NAGASAKI



atomic energy to the other engines of war with which they hoped to enslave the world. But they failed. We may be grateful to Providence that the Germans got the V-1's and V-2's late and in limited quantities and even more grateful that they did not get the atomic bomb at all.

The battle of the laboratories held fateful risks for us as well as the battles of the air, land, and sea, and we have now won the battle of the laboratories as we have won the other battles.

Beginning in 1940, before Pearl Harbor, scientific knowledge useful in was pooled between the United States and Great Britain, and many priceless helps to our victories have come from that arrangement. Under that general policy the research on the atomic bomb was begun. With American and British scientists working together we entered the race of discovery against the Germans.

The United States had available the large number of scientists of distinction in the many needed areas of knowledge. It had the tremendous industrial and financial resources necessary for the project and they could be devoted to it without undue impairment of other vital war work. In the United States the laboratory work and the production plants, on which a substantial start had already been made, would be out of reach of enemy bombing, while at that time Britain was exposed to constant air attack and was still threatened with the possibility of invasion. For these reasons Prime Minister Churchill and President Roosevelt agreed that it was wise to carry on the project here. We now have two great plants and many lesser works devoted to the production of atomic power. Employment during peak construction numbered 125,000 and over 65,000 individuals are even now engaged in operating the plants. Many have worked there for two and a half years. Few know what they have been producing. They see great quantities of material going in and they see nothing coming out of these plants, for the physical size of the explosive charge is exceedingly small.

HIROSHIMA E NAGASAKI



We have spent two billion dollars on the greatest scientific gamble in history -- and won.

But the greatest marvel is not the size of the enterprise, its secrecy, nor its cost, but the achievement of scientific brains in putting together infinitely complex pieces of knowledge held by many men in different fields of science into a workable plan. And hardly less marvelous has been the capacity of industry to design and of labor to operate, the machines and methods to do things never done before so that the brainchild of many minds came forth in physical shape and performed as it was supposed to do. Both science and industry worked under the direction of the United States Army, which achieved a unique success in managing so diverse a problem in the advancement of knowledge in an amazingly short time. It is doubtful if such another combination could be got together in the world. What has been done is the greatest achievement of organized science in history. It was done under pressure and without failure.

We are now prepared to obliterate more rapidly and completely every productive enterprise the Japanese have above ground in any city. We shall destroy their docks, their factories, and their communications. Let there be no mistake; we shall completely destroy Japan's power to make war.

It was to spare the Japanese people from utter destruction that the ultimatum of July 26 was issued at Potsdam. Their leaders promptly rejected that ultimatum. If they do not now accept our terms they may expect a rain of ruin from the air, the like of which has never been seen on this earth. Behind this air attack will follow sea and land forces in such number that and power as they have not yet seen and with the fighting skill of which they are already well aware.

The Secretary of War, who has kept in personal touch with all phases of the project, will immediately make public a statement giving further details.

His statement will give facts concerning the sites at Oak Ridge near Knoxville, Tennessee, and at Richland, near Pasco,

HIROSHIMA E NAGASAKI



Washington, and an installation near Santa Fe, New Mexico. Although the workers at the sites have been making materials to be used producing the greatest destructive force in history they have not themselves been in danger beyond that of many other occupations, for the utmost care has been taken of their safety.

The fact that we can release atomic energy ushers in a new era in man's understanding of nature's forces. Atomic energy may in the future supplement the power that now comes from coal, oil, and falling water, but at present it cannot be produced on a bases to compete with them commercially. Before that comes there must be a long period of intensive research. It has never been the habit of the scientists of this country or the policy of this government to withhold from the world scientific knowledge. Normally, therefore, everything about the work with atomic energy would be made public.

But under the present circumstances it is not intended to divulge the technical processes of production or all the military applications. Pending further examination of possible methods of protecting us and the rest of the world from the danger of sudden destruction.

I shall recommend that the Congress of the United States consider promptly the establishment of an appropriate commission to control the production and use of atomic power within the United States. I shall give further consideration and make further recommendations to the Congress as to how atomic power can become a powerful and forceful influence towards the maintenance of world peace.

Fonte: Secretaria de Cultura de SP (www.cultura.sp.gov.br)